2.º Anno — Lisboa, 17 de Maio de 1886 — Numero 44

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

A Chronica veste hoje a sua *robe de satin héliotrope* da ultima *nuance*, e soergue docemente a vasta cortina azul do nosso esplendoroso céo peninsular, para receber n'um amplexo fraterno as suas formosas amigas, tias, primas e conhecidas do norte e sul do paiz, que veem admirar as cascatas luminosas de James Pain, os coches de gala de D. João V e os lagos—ai! os lagos—da praça do *horse black square*, como dizem os nossos fieis alliados.

Era caso para desenterrar do tinteiro milhões de adjectivos flammantes, que a Chronica tem guardadinhos, de molho; mas se s. ex.ª fosse a estragar já a sua polvora

D. MARINHA CORREIA

apologetica, seria isso um roubo feito á historia, aos vindouros.

Que diria o seculo... XX?

Na *boutonnière* da justiça portuense foi cravada ultimamente, pela emancipação feminina, a primeira rosa-chá. Uma revolução completa operada pelo rewolver. No Porto, já qualquer pessoa de bom gosto póde sentar-se no banco dos réos, perfumado pelo setim preto, espumante de rendas negras, da Fornarina... Marinha Correia.

Para commover os juizes não foi preciso recorrer o dr. Alexandre Braga ao extremo do seu collega grego Hiperides, arrebatando as vestes que cobriam as formas divinaes da Phryné perante os seus terriveis juizes. Correu em auxilio do famoso advogado, o dr. Pinho, lente da Escola Medica, e demonstrou triumphantemente que o Leopoldino não morrera por causa das balas que lhe penetraram no corpo. Desconfia-se que o infeliz morreu, mas foi de susto. O dr. Pinho não o disse, é certo, mas não se póde tirar outro corollario.

O jury, profundamente commovido, que patenteara o quanto ha de verdadeiro no proverbio: *errare humanum est*, abotoou-se com os quisitos, em duas horas de augusto e solemne cavaco no horto da antecamara do tribunal, e voltou á sala das sessões, com uma *corbeille* de rosas e um veridictum absolutorio—o veredictum para o publico e as flores para a innocente; porque, como dizia o poeta: n'uma senhora não se bate, nem mesmo com um flor.

A Cabana do Pae Thomaz, esse velho dramalhão sempre commovedor e sensivel, teve agora em pleno Atlantico, sob a abobada de saphiras e estrellas, um novo acto de um realismo atrevido.

Todos os que leram o magnifico livro de Oliveira Martins, *O Brazil e as colonias portuguezas*, hão de recordar-se, de certo, dos capitulos admiraveis, em que o insigne escriptor traça, com uma notavel precisão, o quadro nautico de um navio de escrávos, conduzidos d'Africa para o Brazil.

Tudo o que a lancinante dor humana tem de mais cruel e sombrio, se accumula n'uma orchestração dantesca sob a escotilha do navio, que navega serenamente na esmeralda do mar, como um enorme caixão funebre, contendo, no seu bojo immenso, centos de homens que se mordem e esmagam mutuamente.

Pois bem; nenhuma d'essas scenas, nenhuma d'essas torturas, filhas da agglomeração de muitos individuos n'um espaço limitado para o seu numero, sem ar e sem luz sufficientes, é comparavel ao que se fez ao preto Braz Manuel e ao que o preto Braz Manuel soffreu a bordo do patacho *Duarte II*.

E conta um jornal, que o capitão do navio invocou, para explicar tão estranho acontecimento, o *odio de raça!* Como se o famoso odio de raça não fosse, para corações portuguezes uma affronta, desde o tempo do glorioso marquez de Pombal!

A' geração moderna da nossa Lisboa amada tinha constado ha annos, pelos cartazes dos theatros, que no mez de maio havia trovoadas, por ver em lettras gordas o titulo significativo de uma comedia, *Trovoadas de maio*. Não sei bem se havia Taborda n'essa conspiração, para enganar o alfacinha em pleno Gymnasio. O caso é que, de trovoadas de maio, só se conheciam aquellas. Vae senão quando, no dia 12 do corrente, á hora em que se faziam as experiencias dos repuxos da Praça do Commercio, zás, ribomba o trovão por cima dos telhados e zimborios da cidade de marmore e de granito, e a descarga electrica desata a mandar faiscas, antecedendo-se assim ás bichinhas de rabiar dos pyrotechnicos inglezes. *Góddam!*

Um industrial, que estava á porta do seu estabelecimento na rua Augusta, convencido de que em Lisboa só póde haver trovoadas no theatro, e desconfiado de que se tratava de uma trovoada falsa, como as moedas de dois tostões que actualmente correm, fugiu pela rua abaixo, gritando: O' da guarda!

Na egreja de Jesus foi interrompido bruscamente, por meia hora, um casamento, portando-se o noivo, que é um bravo militar, com infinita galhardia, tal qual como o celebre sargento da bateria, *Des hommes sans peur*, em Toulon, commandada por Bonaparte.

Só ha a lamentar uma victima, mas essa não foi em terra.

O nosso conhecido Tamagno, temol-o em S. Carlos, mais gentil do que nunca e talvez mais alto; bello exemplar de italiano e de tenor.

Debutou no *Poliuto*, no dia 14, inauguração das recitas de gala. Não tem a voz suavissima de Gayarre ou de Masini, mas, em compensação, canta por dois; seria capaz de cantar por quatro. Para os *dilettanti* da provincia, aquella voz, de um volume e extensão consideraveis, é o paraizo na terra. Pagam caro, mas tambem que regalo! A voz de Tamagno acompanha-os até ao seu torrão natal.

Ao lado do Tamagno, a Borghi-Mamo, secundando na intensidade dramatica todo o fogo do grande tenor.

Não se póde dizer que a epoca de gala abrisse mal.

Temos ainda a *troupe* Paulus, no Gymnasio, e uma companhia de zarzuella e baile no Colyseo!

Que virá mais, santo Deus!

As nossas bolsas de rede de prata, com a sua respectiva borlinha, estremecem de susto e escancaram-se a pedir misericordia.

Depois das *fiorituri* de S. Carlos, do *salero* do Colyseo, das cançonetas picantes da gentil *mademoiselle* Chalon e das cem mil janellas da Baixa para alugar, tenham a piedade de dizer-me se não é para uma Chronica que se preza, bater com a cabeça pelas paredes!

J. M DA COSTA.

A VIDA

(A J. V. Azevedo)

Ante mim tenho uma flôr,
uma linda e fresca rosa,
hoje bella, tão formosa,
amanhã secca, sem côr.

Como a rosa decantada,
assim é tambem a vida;
agora, rosa garrida,
logo, secca, já murchada.

G. J. DA CRUZ MENDONÇA.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

ALJUBARROTA — DEMOCRITO

Um dia Pedro Correia, tendo visto o enthusiasmo com que se estava celebrando o anniversario da nossa independencia, tendo visto a *Philippa de Vilhena* estrepitosamente acclamada no theatro de D. Maria II, as illuminações e as alvoradas e os foguetes, convenceu-se de que Portugal era um paiz de patriotas, e de que um jornal, que tivesse por fim popularisar a historia da nossa resistencia aos hespanhoes, e do modo como a nossa independencia se fundára e se constituira, devia ser um jornal que, fazendo-se um calculo muito por baixo, não podia ter menos de um milhão de assignaturas.

Tratava-se apenas de lhe encontrar um titulo sonoro, que se impozesse á attenção popular, que atrahisse os compradores e mostrasse bem a todos os que estavam alistados n'esta santa franco maçonaria do patriotismo, que era aquelle o jornal patriotico por excellencia. Tanto bastava para que Portugal inteiro se arrojasse soffregamente aos vendedores e ao escriptorio, aos vendedores para comprar os numeros, ao escriptorio para tomar assignaturas.

O nome encontrou-se, e não se podia encontrar outro melhor—*Aljubarrota*. Bastava só por si para despertar todos os echos das glorias portuguezas. Por felicidade, a mais gloriosa batalha dos fastos portuguezes déra-se n'esses campos, cujo nome parece já por si um hymno guerreiro—Aljubarrota!

Pedro Correia, que tem mais imaginação do que a maior parte dos romancistas cujas obras tem editado, estava já a ver os garotos a sairem do escriptorio com massos de jornaes debaixo do braço, e a gritarem por essas ruas: Aljubarrota! Aljubarrota!

E, ao ouvirem esse nome prestigioso, os Portuguezes saiam em massa tambem ao meio da rua, e compravam alegremente o jornal, e não se via por toda a parte senão Portuguezes a folhearem o *Aljubarrota* com grande desespero do ministro de Hespanha, e grande gaudio da commissão 1.º de Dezembro, que destinava para o editor patriotico um medalhão no monumento que ia erigir á gloriosa restauração de 1640.

No grande dia lançou se o jornal. Estou a vêl-o Era pouco mais ou menos do tamanho da *Illustração Portugueza*, mas sem gravuras. O titulo destacava-se vigorosamente no alto da pagina, parecendo as sobrancelhas carregadas da patria diante das ameaças da invasão estrangeira. Varios artigos historicos, outros commemorativos e panegyricos, todos respirando o mais puro e ardente patriotismo. Devia ter um successo doido aquelle jornal tão profundamente portuguez.

Ao fim da tarde voltavam os rapazes meio esfalfados, de terem andado a apregoar o periodico, e de terem repetido cem vezes aos echos de Lisboa o nome glorioso de Aljubarrota... e além de tudo isso ajoujados com o peso dos jornaes que tinham levado e trazido.

Não tinham vendido nem um.

Engano-me, tinham vendido um, mas esse fôra comprado por D. Angel Fernandez de los Rios.

Assignantes houve alguns... que não pagaram.

Pedro Correia, pertinaz como um heroe, não se quiz dar por vencido, e ainda publicou uns poucos de numeros. Essa persistencia porém já fazia com que o nosso bom amigo, dr. Cunha Bellem, lhe andasse sempre a tomar o pulso, receioso de que uma tal tenacidade fosse symptoma de alguma affecção cerebral.

Por fim de contas rendeu-se, e d'esta fórma houve em Aljubarrota dois derrotados: D. João I de Castella e Pedro Correia da Silva, de Portugal.

Creio que lhe ficou de emenda para saber que em jornalismo, e em muitas outras emprezas, se deve contar sempre com os maus instinctos do povo, nunca com as suas boas qualidades.

Vejo porém que estou sendo pessimista, o que não admira, visto achar-se tanto em moda a philosophia de Schopenhauer.

Como porém não posso agora desatar a chorar, como Heraclito, sobre as miserias da humanidade, fallemos desde já de um outro jornal em que collaborei muito ligeiramente nos primeiros tempos da minha carreira litteraria, e que se chamava *Democrito*.

Era um jornal satyrico, tinha o seu escriptorio na travessa da Queimada, quasi á esquina do largo de S. Roque, n'uma pequenissima casa que foi a chrysalida d'onde saiu esta formidavel empreza litteraria a cuja frente está Pedro Correia, e que tem dado uns poucos de jornaes, umas poucas de bibliothecas de romances, uns poucos de diccionarios e de encyclopedias.

Era dono d'este jornal um sr. Posser, que eu nem sei quem era, antes de fundar o *Democrito*, nem quem veio a ser depois de acabar com elle; sei que, a pedido de um amigo commum, escrevi para esse jornal tres ou quatro folhetins epigrammaticos mais ou menos felizes, sendo um d'elles consagrado a uma individualidade curiosa, que houve em Portugal, e que se chamava João Felix Rodrigues, por alcunha o *Tanas*.

Irmão de José Maria Pereira Rodrigues, que ainda ha pouco tempo falleceu, e do sr. Hermenegildo Pereira Rodrigues, hoje director da alfandega de Loanda, e que n'esse tempo era um gentil moço, empregado, se não me engano, no governo civil, João Felix Rodrigues pertencia áquelle grupo de *jacobinos*, que formava uma boa parte do partido patuléa, e que ficou depois adherente ao velho partido progressista historico.

E quando emprego a palavra de jacobinos, está muito longe de ser n'um sentido desfavoravel áquelles a quem a applico; chamo jacobinos estes partidarios intransigentes que se deixam captivar por umas idéas absolutas, expressas n'uma formula declamatoria, e que imaginam que não ha salvação fóra d'essas egrejinhas.

Esses jacobinos patuléas tinham na cabeça duas unicas idéas: Viva a constituição de Vinte! e abaixo os Cabraes, que são uns ladrões!

Tive na minha infancia presente um curioso exemplar d'este jacobinismo, mais curioso ainda por ser em mulher. Conheci a Luiza Michel dos patuléas.

Luiza Michel ainda assim, que longe de ser petroleira, era até no fundo muito conservadora, e sobretudo uma excellente pessoa.

Feia como o demo, baixinha, usando umas botas de homem e um chapeu desabado, oculos na ponta do nariz, sacho á cinta, porque era uma horticultora de primeira ordem, sempre infatigavel a sachar, a podar, a lagartar, eis a minha velha senhoria, D. Maria Santarena, mulher de voz sonora e cheia, ama de uma criada esganiçada e magrissima que dava pelo nome de Joaquina, e assignante do *Portuguez*.

Em ella se sentando, depois de almoço, a soletrar o jornal que o distribuidor lhe trazia ainda humido de tinta de imprensa, eram certos os commentarios.

—Cabraes! berrava ella! cabras é que são. Tudo ladrões, e acabou-se.

«E acabou-se» era o fecho inevitavel dos seus discursos pouco demosthenicos.

—Oh! senhora! berrava então a esganiçada Joaquina, olhe que até a podem ouvir.

—Qual carapuça! tornava ella—era este outro dos seus estribilhos. O *Patriota* é que diz bem—o Portuguez chamou-se primeiro *Patriota*—sem termos a constituição de Vinte não se faz nada. E acabou-se!

Acabou-se effectivamente o governo que ella odiava, e póde imaginar-se a alegria verdadeiramente insana com que ella ia seguindo as peripecias, venturosas para a causa popular, da campanha de 1851. Afinal, Saldanha triumphou, e a minha D. Maria Santarena ia endoidecendo de jubilo.

Depressa lhe passaram as alegrias.

Aquella exaltada democrata, aquella Luiza Michel, detestava sobretudo as *cabras*, como ella dizia—e quando ficava por ahi, ainda a coisa ia bem—por terem suspendido o pagamento do juro das inscripções, porque ella era proprietaria e tinha papeis de credito. Quando viu que o sr. Fontes fazia a conversão, ella, que esperava até receber o atrazado, teve uma grande desillusão, e se n'esse tempo houvesse republicanos, creio que se teria ido bandear com elles. Seria hoje com certeza assignante do *Seculo*.

João Felix Rodrigues, que um bello dia, farto de ser conhecido só pela alcunha de Tanas, resolvera accrescentar a alcunha ao appellido, e declarou que se ficava chamando para todos os effeitos João Felix Rodrigues Tanas, era redactor d'esse *Portuguez*, legitimo herdeiro do *Patriota*, cujas idéas facilmente se podem avaliar pela influencia que o periodico exercia no animo d'esta leitora.

Estes jacobinos porém são muito apreciados pelos partidos quando se acham na opposição, mas não deixam de ser incommodos quando se sobe ao poder. João Felix Rodrigues parece que não foi tratado pelo sr. Julio Gomes com a alta consideração que se devia a um redactor do *Portuguez*, n'uma occasião de eleições, e Tanas, indignado, escreveu-lhe uma serie de cartas, datadas das 8 horas da noite, e das 11 e da meia-noite, que nem sei já o que diziam. Sei que as tomei entre dentes, e que escrevi um folhetim, *As Epistolas do Tanas*, que teve a sua hora de successo. Só me lembro de n'esse folhetim eu phantasiar que alta noite Napoleão III ia acordar a imperatriz Eugenia, e que, da mesma forma que Filippe II acordava sua mulher Isabel de Valois para lhe dizer que fôra tomada Anvers, dizia á imperatriz: O Tanas escreveu outra carta.

Nada mais sei d'este jornal. Dias depois de ter escripto esse folhetim, fui para o Porto, e o *Democrito* d'ahi a pouco tempo terminou em Lisboa a sua ephemera existencia.

PINHEIRO CHAGAS.

SOMBRAS

Como um olho sangrento e chammejante
De um titan formidavel, que adormece,

Da noite sob a palpebra gigante,
Pausadamente o sol desapparece.

Agita-se a folhagem—murmurante
Como o brando cicio de uma prece;
Retinge o mar a tunica ondeante
No intenso fulgor que o enrubece.

O estridente choral da natureza
Cala-se pouco a pouco; só responde
A nossa voz um echo de tristeza...

E atraz do sol luzente que se esconde,
A minha alma tambem eu sinto ir presa
Pelo infinito além... nem sei para onde!

MAGALHÃES FONSECA.

A GATA BORRALHEIRA

Chassang, na *Historia do romance*, fallando da influencia que os contos milesios, essas primeiras narrativas eroticas da antiguidade grega, exerceram na litteratura e até na historia pela introducção do elemento anecdotico, acrescenta: «Taes eram os contos relativos á cortezã Rhodopis: segundo uns, ella haveria levantado uma das pyramides do Egypto convidando cada um dos seus amantes a acarretar uma pedra; segundo outros, teria chegado a ser rainha do Egypto graças á perda de uma sandalia; é a historia da *Gata borralheira (Cendrillon.)*» (a)

Maspero, na *Historia antiga dos povos do Oriente*, refere por extenso não só a segunda anecdota a que Chassang allude, e que já Strabão contára, mas explica tambem como o nome da rainha egypcia Nitokris veio a ser convertido, pelos viajantes gregos, em Rhodopis.

«Durante os sete annos do seu reinado, Nitokris concluiu a terceira das grandes pyramides que Menkera tinha deixado incompleta. Augmentou em mais do dobro as dimensões do monumento, e dispendiosamente o revestiu de syenite, o que depois, e com razão, fazia a admiração dos viajantes gregos, romanos e arabes. Foi exactamente no centro d'esta pyramide, sobre a camara onde o piedoso Mykerinos repousava havia mais de oito seculos, que Nitokris foi tambem sepultada n'um sarcophago de basalto azul, cujos fragmentos poderam encontrar se. Deu isto logar mais tarde a que lhe attribuissem, em detrimento do verdadeiro fundador, a construcção de toda a pyramide. Os viajantes gregos, a quem os exegetas referiam a historia da *bella de faces côr de rosa*, converteram a princeza em cortezã e substituiram o nome de Nitaqrit pela designação mais harmoniosa de Rhodopis. Um dia em que ella se banhava no rio, uma aguia, empolgando uma das suas sandalias, arrebatou-a na direcção de Memphis e deixou-a cair sobre os joelhos do rei que em publico estava administrando justiça. Encantado o rei da singularidade da aventura e da belleza da sandalia, mandou procurar por todo o paiz a mulher a quem ella pertencia, e foi assim que Rhodopis chegou a ser rainha do Egypto.» (b)

Husson, na *Chaine traditionnelle*, não crê verosimil que a tradição popular da *Gata borralheira* deva ir procurar-se originariamente aos auctores gregos que historiaram a anecdota da sandalia de Rhodopis, talvez por influencia dos contos milesios, como quer Chassang.

A averiguação da origem d'este conto tradicional inspira por certo tanto mais interesse, quanto é extensa a sua vulgarisação atravez da Europa, em prosa e verso; vulgarisação que impressionou *Filinto Elysio* quando, annotando uma das suas odes, escreveu: «Com o titulho de—*Gata borralheira*,—me contava minha Mãe a historia da Cendrilhon. E nunca minha Mãe soube francez.»

Pende Husson para a hypothese de que a lenda da sandalia de Rhodopis, em que parece filiar-se a tradição da *Gata borralheira*, não deve fixar-se nos auctores gregos, mas reputar-se como a transformação de um symbolismo mythico em anecdota historica.

Segundo a sua opinião, a *Gata borrolheira*, victima de tantas humilhações domesticas e mascarrada pelas cinzas do lar, não é senão a personificação da luz eclypsada que, a final, recobrará o seu brilho primitivo, desposará o sol nascente encarnado na figura de um jovem principe, por cujo amor entrará na posse de soberanos esplendores.

Esta é tambem a opinião do sabio professor Angelo de Gubernatis. A aurora, vestida ainda com as ultimas nevoas cinzentas da noite, só consegue brilhar quando o sol está proximo.

Na mythologia védica Mithra (o sol) encontra uma das sandalias perdidas pela Aurora na sua rapida carreira; esse chapim dá-lhe a medida do pé, um pé tão pequeno que chega a ser quasi imperceptivel.

«A lenda do chapim perdido, observa Gubernatis, e do principe que procura o pé que o calçava, lenda que forma o nucleo do conto popular da *Gata borralheira*, parece-me bazear-se inteiramente sobre o duplo sentido da palavra *apad*, que ao mesmo tempo significa aquelle ou aquella que não tem pés, ou o que pode servir para medir o pé, quer dizer, a pégada ou o sapato: note-se que muitas vezes, na lenda da *Gata borralheira*, o principe não pode alcançar a fugitiva, porque ella é arrebatada n'um carro veloz.»

Este carro é o da Aurora, tal como elle apparece nos hymnos védicos, luminoso e célere.

Na tradição russa, a irmã da *Cendrillon* tenta calçar o chapim, mas é tão pequeno que o pé não cabe. Então a mãe dá-lhe de conselho que corte o dedo maximo. Feita esta mutilação, o pé entra, e os enviados do principe levam comsigo, em vez da *Cendrillon*, a irmã, mas duas pombas seguem-n'a dizendo: «Ella tem sangue no pé, ella tem sangue no pé.»

Como se vê, na tradição russa o sangue tem por fim dar ao chapim a coloração rubra das sandalias da Aurora.

Outras vezes a sandalia é de crystal—que representa a transparencia lucida da manhã—, como no conto de Perrault; outras vezes é de ouro, como os raios da aurora.

A luz matinal, batendo as trevas da noite, parace trazer comsigo uma promessa de abundancia e prosperidade, um presagio de *boa fortuna*,—essa boa fortuna que, ao cabo de tantos desgostos e soffrimentos, ha de sorrir á *Gata borralheira*.

A princeza dos contos indianos, que corresponde á *Cendrillon* franceza e á nossa *Gata borralheira*, chama-se Sodewa-Bai, o que quer dizer *Dama da boa fortuna*.

Assim se explica, como um voto de felicidade, o costume de atirar com sapatos aos noivos, como em Inglaterra; e de beber á saude da noiva, pelo seu chapim, como no Palatinado.

Tambem assim se explica a superstição das creanças francezas, que na vespera de Natal vão pôr no fogão um sapato, esperando encontral-o na manhã seguinte cheio de *bibelots* offerecidos pela fada da boa fortuna.

Ficam por este modo explicados todos os elementos mythicos que concorrem no conto da *Gata borralheira*.

N'uma das versões portuguezas o sapatinho é de setim.

Um viuvo tem uma filha, que, attraida por uma viuva, que tambem tem uma filha, procura induzir seu pae a casar com a viuva.

O pae resiste por algum tempo, mas casa por fim, e a mulher começa a maltratar a enteada, favorecendo egoistamente a filha.

A pobre rapariga toda mascarrada pelos grosseiros trabalhos domesticos (as sombras da noite; nos contos russos, a *Gata borralheira* chama-se Cernushka, o que significa a *pequena negra*) tem porém uma vaquinha (a fada da boa fortuna) que a protege.

Convém observar que na mythologia védica a vacca é muitas vezes um symbolo da Aurora ou da Primavera, a quadra da luz e da floração, que promette a abundancia.

A implacavel madrasta resolve fazer matar a vaquinha, cujas tripas a *Gata borralheira* vae lavar ao rio. Mas uma tripinha escapa-se-lhe das mãos, foge rio abaixo, e a pequena corre atraz d'ella, que só parece haver parado quando ambas chegaram ao sitio onde havia uma habitação de fadas.

Desde esse momento foram as fadas que protegeram a pobre *Gata borralheira*. Fadaram-n'a para que fosse a cara mais linda do mundo e para que deitasse perolas pela bocca quando fallasse.

A cara mais linda do mundo—a Aurora, que tambem lança perolas de orvalho sobre a terra quando principia a descerrar os labios purpurinos.

Os elementos mythicos descobrem-se facilmente atravez do maravilhoso do conto.

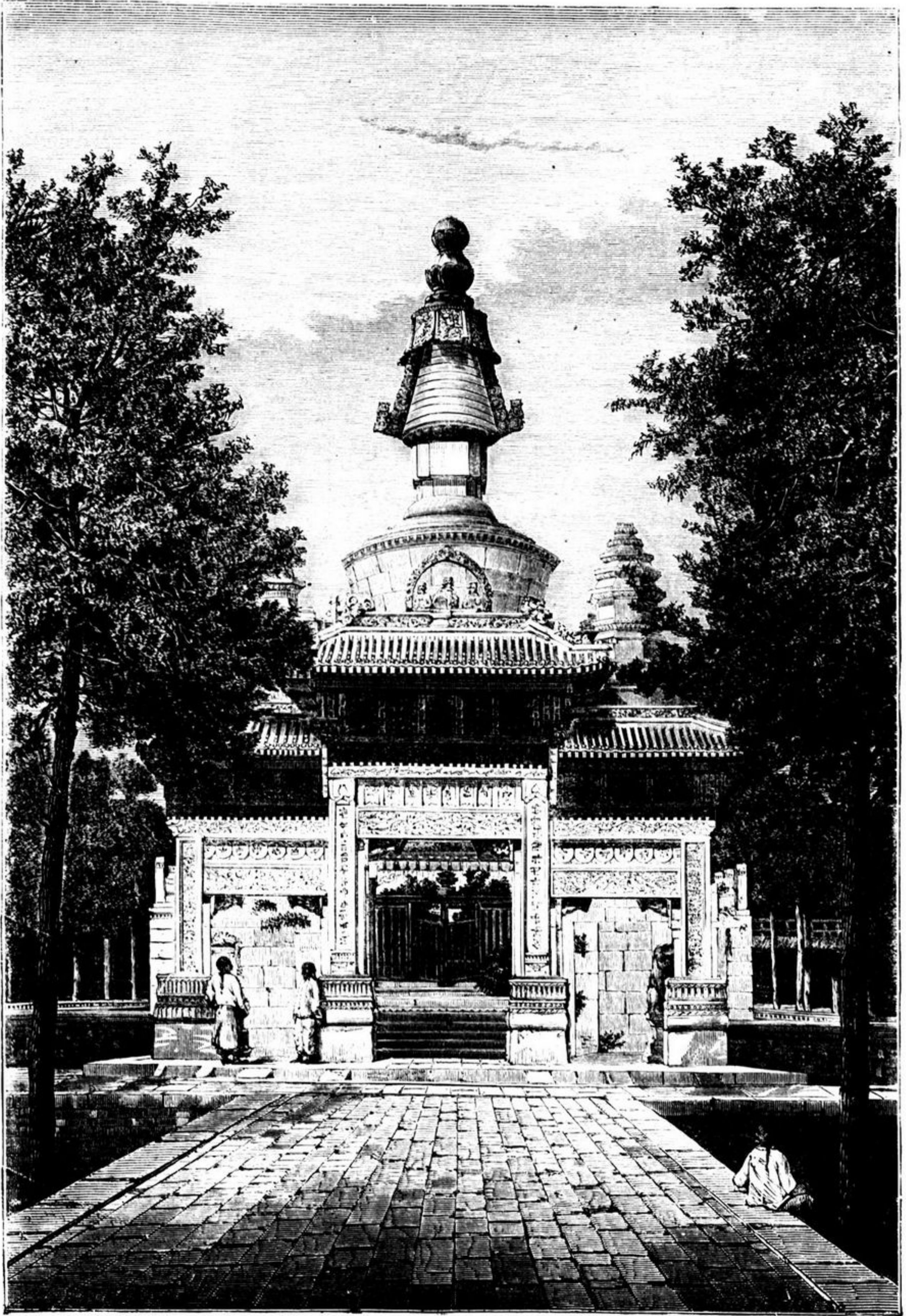
A menina, munida da vara de condão que as fadas lhe deram, tem tudo quanto deseja, ao passo que a enteada do pae nada tem.

Chegou o tempo de fazer annos um grande principe (o sol).

A menina, querendo ir á festa, pediu á vara de condão que lhe desse *um vestido da côr do céu, todo recamado de estrellas de ouro.*

Duraram as festas tres dias, e no terceiro, a *Gata borralheira*, com medo de tardar em casa, deitou a correr com a velocidade com que a Aurora passa no ceu carro, e perdeu um sapatinho.

E' o principe que o acha e, assombrado da sua pequenez, procura por toda a parte a dona. A madrasta da *Gata borralheira* pretende fazer acreditar ao principe que o sapato é de sua filha, mas o principe reconhece que ella não póde calçal-o. Finalmente apparece a *Gata borralheira* e o sapato serve-lhe. O principe desposa-a, e é então que ella é feliz,—como a Aurora dos hymnos védicos que só tem risos de alegria quando vê approximar-se o esposo.

(a) *Histoire du roman et de ses rapports avec l'histoire dans l'antiquité grecque et latine*, 2.ª edição, pag. 397.
(b) *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 2.ª edição, pag. 93.

RESIDENCIA DO GRAO-LAMA EM PEKIN

A *Gata borralheira* chegou á felicidade pelo casamento, pelo amor satisfeito do principe. Convém notar esta circumstancia para apreciar a versão portugueza em que a vacca é substituida por um peixe, o qual peixe é por sua vez um principe encantado. Ora o peixe é um symbolo phallico; em sanscrito, um dos epithetos do deus do *amor* é *makaradhvaga*, aquelle que tem um peixe por divisa.

Nos cantos populares da Madeira, a *Gata borralheira* chama-se Maria, como em outros paizes (*Masha, Marion*). O romanceiro conserva incontestavelmente os mesmos elementos mythicos que a novellistica:

Vestido de azul e oiro,
Que nem rainha vestia;
Nem estrella d'alvorada
Tão linda no céo nascia!
Mas faltava-lhe um chapim;
D'um só pé calçada ia (a)

Garrett, no primeiro volume do *Romanceiro*, traz uma xacara, intitulada o *Chapim d'El-Rei*, em que o unico elemento mythico sobrevivente é o chapim que o rei perde no quarto da condessa.

ALBERTO PIMENTEL.

(a) Vide, *Romanceiro do archipelago da Madeira*, colligido e publicado por Alvaro Rodrigues de Azevedo (Funchal, 1880) pg. 364, *Gata borralheira*.

BATALHAS DA VIDA

(ROMANCE EM PREPARAÇÃO)

IV

(CONCLUSÃO)

Então a Fructuoso fez sentir que achava caro o setim a 2$500, que o Quaresma vendera um setim exactamente igual a 2$000.

Laura, assentada defronte do balcão, mordeu os beiços. Teixeira pedira-lhe a 4$000 pelo setim, o mesmo que vendera a 2$500!

Inconscientemente, ergueu-se e caminhou para a porta.

De subito, porém, retrocedeu, agrilhoada pela intensidade do seu aspero desejo, conquistada pelo devorador appetite de possuir o vestido. Se lhe faltasse o vestido, não poderia assistir ao casamento de Gabriella. Anatolio tambem seria convidado; como explicar a sua ausencia? Que gostinho para as Villaças!... que pratinho para a Manuela!... para a lambisgoia da Manuela, que se mettia á cara do Anatolio!... Era de morrer de raiva!... Um furor contra o Teixeira dominava o confuso encadeamento de pensamentos que a agitavam.

Impetos de revolta suggeriam-lhe expedientes violentos: apoderar-se da peça de setim, escondel-a, leval-a, sem olhar para traz, metter-se em um trem e desapparecer rapidamente, na brusca surpresa de um golpe theatral. Pensando todas estas cousas, que lhe trotavam na cabeça incoherentes, indefinidas, incompletas como as informes vizões de um pezadelo, Laura assentou-se risonha, lendo um jornal que retirara do balcão. Deu-lhe logo na vista a noticia do *High-Life*, allusiva ao proximo casamento do illustre barão do Olmeiro com a gentilissima filha do opulento e benemerito commendador Martinho da Cunha. Os preliminares d'essa união: vestidos mandados vir de Paris, a *corbeille*, a riqueza das joias compradas no Leitão tantalisavam Laura. Laura extasiava-se ao aspecto d'essas magnificencias, guardando sempre, sob a sua mascara branca de veloutine de Fay, que lhe aromatisava a cutis, dissimulando em uma subtil nuvem de pó a vermelhidão saloia das faces angulosas, um bello ar indifferente, a frieza innata ás organisações superiores, familiarisadas com todas as grandezas, que sabem dominar-se de modo a não cairem nunca na pueril vulgaridade de admirar. O resultado negativo das incessantes explorações matrimoniaes de Laura, exacerbava a febre que a consumia. Ambicionava um marido, uns braços robustos que a apertassem, quebrando-a na violencia de uma caricia profunda como uma eternidade, onde explosiriam de subito, como lava effervescente, os ardores, a ternura, as incomprehendidas sensibilidades accumuladas atravez de uma longa espectativa, na infecunda aridez de um forçado celibato. Queria um homem que lhe pertencesse sem partilhas, a quem ella podesse dar-se sem restricções; um homem que a conduzisse palpitante no seu véu branco de noiva, coroada de flor de laranja, a uma egreja cheia de gente, que se agruparia no adro, instigada pela curiosidade, vagamente mordida de inveja, ao vel-a subir para a carruagem seguida do noivo, tremulo de desejos. Suspirava por um protector, pelo braço do qual percorresse os passeios, os theatros, os bailes, desafiando os olhares cubiçosos das donzellonas preteritas, affrontando o sorriso ironico dos homens que a tinham deixado, sem explicação, como que fugindo a uma responsabilidade; appetecia, em resumo, um editor-proprietario, capaz de satisfazer-lhe um capricho de garridice, que lhe fizesse surprezas, abrindo inesperadamente diante do seu olhar deslumbrado, estojos de pellucia constellados de joias phosphorecentes... Uma espectativa de 28 annos começava a parecer-lhe demasiada. Mallograda nas suas altas aspirações, Laura acceitára, por ultimo, a côrte de Anatolio, uma côrte reles, sem exaltacões romanescas e sem a base positiva de uma solução futura.

A Fructuoso, depois de examinar parcella por parcella, discutindo os preços, insurgindo-se contra a elevação das cifras, queixando-se da carestia, citando lojas onde se vendia mais barato, pagára a conta. Depois, muito conciliadora, gesticulando com as mãos polpudas e vermelhas, carregadas de grossos anneis de diamantes, contou casos, referiu particularidades domesticas.

O conselheiro não saía do quarto, estava com o seu rheumatismo gottoso; ella fôra visitar a Gaudencio, a do coronel, que morava no 1.º andar. A creada, uma doidivanas, apanhando a segura no 1.º andar, sem respeito pelo seu homem, abrira a porta ao namorado, um municipal da 3.ª!

Teixeira, pendido no balcão, fazia exclamações compenetradas, agitando a cabeça gravemente, ponderando a perdição das creadas, desencaminhadas pela farda.

Virginia, obedecendo a uma ordem de Aurelia, levantou-se, e acanhada, olhos fitos no chão, esguia como um espargo na sua magreza esqueletica, evidenciada pelo vestido liso e pouco rodado, aproximou-se do balcão.

—Que pretende? perguntou Teixeira, engrossando a voz.

Então ella, tremente, encolhida, intimidada pela voz de trovão que soava aos seus ouvidos, dia e noute, como uma constante ameaça, explicou que a sr.ª D. Aurelia pedia ao sr. Teixeira o favor de lhe dizer se o vestido de velludo da sr.ª condessa era enfeitado com rendas.

Teixeira encolerisou-se. O aspecto miseravel e pelintra da rapariga, a sua humildade de *pobre de Lausperenne*, como elle lhe chamava, irritavam-o.

—Diga á D. Aurelia, vociferou, agitando a mão direita, abrindo os dedos tortuosos, sombreados de vegetações capillares, que essa pergunta é insensata!

Virginia, aterrada, parou no meio da loja, não ousando transmittir á mestra aquella resposta, que passando pela sua bôca seria uma injuria.

A Fructuoso levantou-se; desatara-se-lhe o sapato, a fita varria o chão. Ella tentou atal-o, curvando-se, offegante, asphixiada nas exuberancias da sua carne flacida, que tremia como uma massa gelatinosa. Então o Teixeira arrogante, autoritario, estendeu o braço e interpellou Virginia:

—Ate o sapato a Sua Excellencia; vamos, mecha-se, não tem prestimo para nada!

Augusto acabava de chegar da Alfandega, onde fôra levar uma carta a um despachante. O olhar azul de Virginia, livida, cambaleante, transida do frio mortal do abandono, ergueu-se instinctivamente para esse olhar que a acariciava, o unico, suavisando lhe a desolação da sua misera existencia de cão sovado.

Augusto sorriu-se, encolheu os hombros, e tirando da algibeira do frac um papel dobrado, mostrou-lh'o com um gesto rapido, cheio de mysterio, olhando ao mesmo tempo em torno de si, verificando se alguem o via.

Virginia estremeceu; uma subita vermelhidão cobriu-lhe a cara muito pallida, devorada pelos olhos grandes e tristes, onde parecia boiar, afogando a pupilla azul, uma lagrima turva, de uma amargura insondavel. Em seguida, ajoelhada, arrastando-se no chão, abatendo-se no seu vestido de lãa côr de chumbo, Virginia atou o sapato da Fructuoso. A conselheira, de pé, oscillante nas marthas que lhe avivavam o pescoço suino, acceitava do alto da sua grandeza de pessoa bem comida e bem trajada esse pequeno serviço, prestado por uma reles costureirinha, um bichinho da terra, cuja approximação não deixava de repugnar-lhe, receiosa de sujar o seu rico vestido de velludo no contacto da saia de lãa cinzenta, debruada de chocas.

Magestosa, as mãos curtas e largas enfiadas no regalo, a Fructuoso despediu-se do Teixeira, que a acompanhou até á porta, e subiu para o coupé.

A creada de Laura, esquecida na sombra, cabeceava. Laura fingia ler, muito absorta. Aurelia cumprimentara-a de longe, mostrando-lhe a thesoura com um doloroso gesto de victima, exhibindo o instrumento do supplicio.

Teixeira, sem parecer notar a presença da filha do jornalista, demorou-se, olhando para os astros, vendo passar os trens que rodavam na lama, dando dois dedos de conversa ao vizinho do lado, outro lojista que viera á porta passear os seus tedios de inactivo, encostado ao balcão deserto.

—Vou jantar, disse Teixeira, alteando a voz.

Laura empallideceu, largou o jornal e levantou-se. Decididamente, precisava tomar uma resolução; era estupido o seu invencivel acanhamento. Toda a gente tinha dividas: o rei, os ministros, os titulares. Era até chic ter dividas. Se Teixeira não

O PRINCIPE D. CARLOS E A PRINCEZA MARIA AMELIA D'ORLÉANS

fiasse, outros fiariam. E ralava-se, que puerilidade! Como se não fosse a cousa mais natural d'este mundo! O homem não se atreveria a recuzar; mas se se atrevesse, se ousasse desconsideral-a cara a cara, queixar-se-hia á condessa, metter-lhe-hia medo com o jornal do pai. Deveria logo ter declarado o que desejava.

Parecia mal aquella hesitação. Dirse-hia que estava á espera de uma esmola. Agora, talvez o Teixeira se negasse, notando a sua humilde attitude de pedinte mallograda. Aquella gente precisa ser tratada de superior para inferior. Realmente, não sabia onde tinha a cabeça! Deixara sair a mulher gorda, quando poderia ter dito o que queria, em voz alta, deliberadamente, ao lado da creatura, aproveitando a occasião em que o logista se expandira, risonho, transfigurado pelo contacto do oiro, tinindo em cima do balcão. Perdera o momento opportuno, o momento viavel. Sabe Deus o que o homem pensaria a seu respeito; talvez a mulhersinha das pelles, que não se dignara voltar a cabeça, a houvesse tomado por uma costureira! Que troça lhe faria o Anatolio, se soubesse!

Bruscamente, a voz do Teixeira trovejou ameaçadora. Acabara de ler uma carta que lhe entregara um aguadeiro. Gesticulando, agitando o papel, Teixeira prodigalisava exclamações virulentas, que lhe arripiavam o bigode hirsuto, manchando como um borrão preto a cara de beduino, roida de variola.

—Nada de contemplações, fez, crescendo direito ao balcão; acabou-se, vou deixar de ser tolo! Dinheiro, dinheiro é que eu quero! Mas não senhor, tudo são promessas, exigencias, calotes! Esta senhora, esclarecia, amarrotando a carta, voltando-se para o aguadeiro parado á porta, na espectativa alvar de quem não percebe uma palavra do que ouve; esta senhora, não contente de illudir os seus compromissos, exige que lhe faça um vestido, uma *sortie*, o diabo! Não faço, não faço, já disse! Se isto assim continua, dou com tudo em pantana. As despezas são cada vez maiores. Costureiras, gaz, aluguer da loja, caixeiros... E ninguem se importa com desgraças, insistia, furando a carta com os dedos, arremetendo contra o aguadeiro, que ouvia de bocca aberta, barrete na mão e sacco ao hombro; ninguem quer saber se tenho ou se não tenho! E ponha para alli, e gema quem gemer. Estou farto até aqui! Qualquer dia, arreio a carga, vou passear, e governem-se, governem-se! Trabalho como um negro e não passo da cêpa torta! Acabou-se, fecharam-se asCaldas!

Então o gallego, agarrando-se ás unicas palavras que entendera, perguntou se deveria dizer á patrôa que se tinham fechado as Caldas.

—Não, homem, acudiu o Teixeira serenando, acommettido do subito receio de perder a fregueza, evadindo-se cobardemente as consequencias do seu irreflectido furor. Diga á sr.ª D. Margarida que lhe peço o favor de vir á loja. Depois, chamando o aguadeiro de parte, gratificando-o com um tostão:—Escusa de repetir o que eu disse, você percebe, hein? Aquillo foi um desabafo, um modo de fallar, você comprehende?

O gallego, comprehendendo apenas que lhe tinham dado um tostão, prometteu tudo.

Laura, nervosa, agitada, succumbida, presenciara a scena. As costureiras, no fundo da loja, acotovelavam-se, troçando o patrão. Aurelia, que armava uma tunica, pregando-a no manequim, repetia entre dentes:—Gallego! gallego!

Os caixeiros piscavam o olho.

Tres vezes Laura, tacitamente aggravada na sua qualidade de devedora renitente, sentiu impetos de retirar-se, desistindo da empreza de obter o cubiçado setim azul. Mas poderia ella resignar-se ao desgosto de não assistir ao casamento de Gabriella, de não comparecer n'essa aristocratica ceremonia, figurando depois o seu nome no *High-Life*, a par dos nomes dos titulares? Poderia resistir á humilhação de ficar em casa, sosinha no seu obscuro quarto andar, devorando em silencio os tormentos de um sonho mallogrado, escarnecida, talvez, pelas Villaças, esquecida pelo Anatolio, deitada á margem pela orgulhosa e feliz baroneza do Olmeiro; e tudo porque? porque lhe faltava um vestido, um trapo, que se comprava a troco da miseria de 15 ou 20 libras. E' verdade que ella não possuia essa miseria; mas tambem as Villaças, a Ritinha Marrocos, a Gracinda Mendonça não tinham onde cair mortas, e não lhes faltava nada, vestidos de setim, vestidos de velludo, chapéos modelos, capas de pelles... E todas estreavam toilette no dia do casamento...

E nenhuma deixaria de ir, como ella, por lhe faltar um vestido!

. . . .

GUIOMAR TORREZÃO.

HORACIANA

A primavera enamorada volta,
desfez-se o frio inverno.
Já barcos vogam com a vela solta
ao sopro do galerno.

Fundida está de neva a branca esteira,
que revestia o prado.
Já não se aquece ao fogo da lareira
o lavrador cançado.

D'uma vacca ao nostalgico mugir
saudosa a ovelha bale.
O gado inquieto todo quer sair
de dentro do curral.

Já as Graças e as Nymphas veem cantando
com Venus toda nua,
de mãos dadas assim andam bailando
de noite á luz da lua.

Vamos colher, pois, rosas e violetas
á luz das madrugadas,
para toucar as longas tranças pretas
das nossas namoradas.

Cedo talvez da eterna escura noite
nos cobrirá o manto,
e não teremos mais quem nos acoite
e nos suavise o pranto...

a não ser triste lagea tumular
a sombra do cypreste,
onde alta noite o môxo vem poisar
e geme o vento agreste...

Mas onde foste dar, allucinada,
oh! phantasia solta,
que nem te lembra já que enamorada
a Primavera volta!

LUIZ CALLADO NUNES.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 40)

IV

A governante

O Fonseca tinha-se feito de mil cores em quanto Luiz expunha assim, com aquella franqueza sympathica, a profunda confiança que tinha na sua boa amizade.

Não sabia o que dizer, e entretanto era necessario que interrompesse o seu amigo, que disesse alguma coisa, porque o seu mutismo não tinha explicação alguma, podia mesmo compromettel-o, abrir um pouco aquelles olhos, profundamente cegos, do marido que tão vilmente ultrajara.

E fazendo um esforço enorme, comprehendendo bem toda a gravidade enorme da sua situação, o Fonseca balbuciou imbecilmente:

—E então, tiveste a certeza de que a carta não mentia?

—Tive, tive essa certeza, respondeu Luiz seccamente, e ficou-se um pedaço calado, mergulhado na sua enorme desgraça.

O Fonseca não teve coragem de quebrar esse silencio e quedou-se tambem silencioso, embaraçado, sem se atrever a olhar para aquelle desgraçado, que a sua infamia fizera.

—E antes a não tivesse, continuou d'ali a nada Luiz, seguindo o seu raciocinio. Dizem que vale mais uma certeza má, do que todas as duvidas; é mentira, completa mentira. Não ha nada peior do que a certeza positiva, mathematica, implacavel da nossa desgraça. Até hontem á noite eu andava preoccupado, tinha cá dentro o demonio da duvida a morder-me a todo o instante a minha tranquillidade, a minha alegria, a minha ventura. Era um infeliz, era, mas essa infelicidade comparada com a que tenho agora, pode-se dizer que era quasi a bemaventurança. A todo o momento a duvida espicaçava-me, mas a confiança respondia-lhe logo; acreditava em minha mulher, tinha esperança em que tudo aquillo fosse uma vil calumnia e hoje tenho a certeza de que tudo é uma vil verdade.

E depois, com uma grande verbosidade, com uma loquacidade de nervosa, n'um turbilhão redemoinhante de palavras, contou tudo, que se passara na vespera, a partida simulada, a volta a casa, a descoberta da sua deshonra, a scena que tivera com sua mulher, como abandonara com sua filha aquella casa em que tinha sido tão feliz, como expulsara d'essa casa sua infame mulher.

—E agora? perguntou cynicamente o Fonseca, perfeitamente senhor de si, por ver afastados todos os perigos que a sua cobardia phantasiara, entrando descaradamente no ignobil papel que com a sua cumplice tinha combinado havia momentos.

—Agora? repetiu o Fonseca como que despertando d'um pesadello.

—Sim, o que tencionas fazer?

—Saber quem é esse homem que anniquilou a minha vida, a minha felicidade, a minha casa, e matal-o.

O Fonseca empallideceu.

—O que? tu queres bater-te?

—Eu? Bater-me? Enlouqueceste: quero matal-o como elle matou a minha ventura.

—Mas isso é um crime? ponderou prudhomescamente Fonseca, tremendo de medo.

—Um crime? E o que elle fez o que é? perguntou Luiz.

—Mas a gente não tem o direito de castigar pelas suas mãos, continuou o Fonseca muito enfiado.

—O que? queres então que eu o chame aos tribunaes, que vá arrastar o meu nome pela lama do escandalo, que vá authenticar a minha deshonra com o despacho do juiz e a rubrica do escrivão?

—Não digo isso...

—Mas no fim de contas o que é que tu dizes? perguntou, pondo-se em pé o Luiz, e fitando-o com um olhar espantado.

—Eu digo...

—Sim, tu achas que eu não devo matar o infame que despedaçou a minha vida, achas tambem que o não devo chamar aos tribunaes como eu acho, mas então o que queres que eu faça? o que me aconselhas? o que farias tu no meu logar...

—Eu... eu...

—Matavas o canalha?...

—Não matava, respondeu logo, terminantemente o Fonseca.

—Não o mettias na cadeia?

—Tambem não.

—Então o que lhe fazias?

—Nada, não lhe fazia nada, deitava-o completamente ao desprezo, aconselhou o Fonseca cheio de nobre convicção. O que fizeste tu a tua mulher? Expulsaste-a de casa. Fizeste muito bem, rompeste abertamente com ella; para ti é como se tivesse morrido, não é assim?

—Antes, mil vezes antes eu vestisse hoje de luto por ella, ao menos adorava a sua memoria.

—Pois veste-te realmente de luto, considera-a morta, e começa vida nova.

—Aos 40 annos começar vida nova! Julgas que isso é facil? perguntou Luiz meio convencido pelas palavras do seu amigo.

—Não é facil, bem sei, mas que remedio? E' a unica cousa que tens a fazer. Tu tens amigos na America? Tens, que tenho-te ouvido muitas vezes fallar n'elles. Pois vai dar um passeio até á America, demora-te por lá uns annos, e quando voltares ninguem ja se lembrará do acontecido, nem talvez tu proprio. Tudo passa meu amigo, tudo passa e muito depressa.

O Luiz ouviu, ouviu e ficou um pedaço de tempo calado, cabisbaixo, d'olhos no chão, scismando.

—Tens razão, tens, disse elle por fim, é realmente o que me resta a fazer, a unica coisa de juizo. E' isso, é exactamente isso. Custa, custa muito a gente pensar que esse tratante, que esse miseravel, que me veio roubar, anniquilar, deshonrar, desgraçar para sempre, se ha-de ficar rindo impune, mas tens razão. Tudo o que fizer para me vingar recae sobre mim, recae sobre a minha pobre filha, a minha adorada filha, que não tem culpa alguma de ter aquella mãe.

E ficou-se mais um momento silencioso, e depois, repetiu, como que machinalmente:

—Tens rasão! Tens rasão!

E cavando essa idéa, agarrando-se a ella como á sua unica taboa de salvação, encontrou um embaraço.

—Mas eu não posso partir d'um momento para o outro: tenho que liquidar a minha casa, tenho que tratar do futuro de minha filha, da sua educação. Eu não a posso levar commigo, é tão pequenina.

—Olha, parte já para fóra de Lisboa, vae para a provincia; de lá, manda ordens ao teu procurador para te pôr em andamento os teus negocios, depois vens e partes.

—Perfeitamente. Tens boa idéa: parto hoje mesmo com a minha filha, depois escrevo-te de lá para tu me tratares ahi d'essas coisas.

—Eu não, meu filho, não me offereço para isso, porque tenho que estar agora sempre a sahir de Lisboa por causa dos negocios de minha casa .. senão com todo o prazer, sabes que estou sempre...

—Sei, sei que és um bom amigo, concluiu Luiz abraçando-o e chorando de ternura, sei quantos favores, quanta dedicação te devo, e crê que nunca o esquecerei.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MARINHA CORREIA

Como todos sabem, esta encantadora mulher foi a heroina d'um drama sangrento occorrido ha anno e meio no Porto, e d'um processo ruidoso, que ali se julgou ha dias, motivado por aquelle mesmo facto.

E' conhecida a historia do caso.

D. Marinha Correia habitava um predio de Leopoldino Augusto da Silva Mello, na rua Nova de Vasco da Gama, em S. João da Foz do Douro. O senhorio e sua mulher moravam em outra casa mais pequena, sita no monte Pharol, quasi contiguo áquelle predio.

A unica serventia da casa habitada por D. Marinha consistia em uma viella, que communica ao sul com a rua Nova de Vasco da Gama.

Succedia pois que, com permissão de Leopoldino, a creada de D. Marinha passava pelo terreno do predio do proprietario para o Monte do Pharol; de sua parte, a inquilina tambem permittia que se utilisassem do seu terreno para o senhorio e a mulher d'elle sairem para a rua de Vasco da Gama.

Viviam todos na melhor paz, mas um dia levantou-se uma nuvem negra, que transtornou essas boas relações.

A mulher do senhorio não consentiu que D. Marinha se utilisasse mais da passagem para o Monte do Pharol; D. Marinha julgou-se no pleno direito de prohibir a passagem para a rua de Vasco da Gama.

No dia 20 de novembro de 1884, a mulher do senhorio entendeu que devia mandar passar pelo caminho da casa de D. Marinha uma rapariga que levava um cantaro d'agua. D. Marinha oppoz-se, sendo n'essa occasião insultada com as palavras mais injuriosas.

D'ahi a pouco, Leopoldino da Silva Mello, instigado pela mulher, foi provocar a sua inquilina, aggredindo-a e dirigindo-lhe os mais affrontosos insultos.

Foi n'esta occasião que D. Marinha, só, indefesa contra um homem que a aggredia, e não contando com o auxilio de pessoa alguma, lançou mão de um rewolver pertencente a seu marido, dirigindo-se para o aggressor para o intimidar e obrigal-o a retirar-se.

Leopoldino, porém, não se intimidou: exaltou-se ainda mais, e aproximando-se de D. Marinha, lançou-lhe uma das mãos ao braço, ao mesmo tempo que, com a outra, dava uma bofetada na sua inquilina, diligenciando em seguida tirar-lhe o rewolver.

Foi então que a arma se disparou, ferindo mortalmente o imprudente senhorio.

*

A defeza allegou que o rewolver se disparara casualmente e isso mesmo se provou no julgamento.

O juiz impoz a D. Marinha uma pena insignificante, que foi quasi uma absolvição.

Nós não sabemos se Marinha Correia é criminosa; sabemos apenas, a avaliar pelo retrato, que é uma mulher formosissima, e a formosura inspirou, em todos os tempos, a benevolencia dos mais severos magistrados.

RESIDENCIA DO GRÃO-LAMA EM PEKIN

E' um dos edificios mais grandiosos de Pekin, o que a nossa estampa representa, semi-occulto por arvores colossaes. Ali reside o Grão-Lama ou Buddha vivo, e ali se celebram, com grande pompa, os officios religiosos do ritual buddhista.

O sumptuoso edificio assemelha-se muito aos templos da India. E' de construcção elegantissima, e na sua fachada admiram-se primorosos rendilhados em pedra.

O PRINCIPE D. CARLOS E A PRINCEZA MARIA AMELIA D'ORLÉANS

Toda a Europa tem hoje os olhos fitos n'este principe illustre, que vae, dentro de poucos dias, ligar o seu futuro ao da sympathica e bondosa princeza Maria Amelia d'Orléans, filha dos Condes de Paris.

Por tal motivo, e porque nos é sempre grato fallar da mocidade, quando ella esplende radiosa, exhalando os perfumes do amor, damos hoje os retratos dos gentilissimos noivos, acompanhando-os d'algumas palavras, que estão muito longe de ser uma biographia, e que constituem apenas uma homenagem de sincera e respeitosa estima.

*
* *

Digno herdeiro das virtudes de seus paes, o principe D. Carlos é adornado com os preciosos sentimentos que enobrecem os reis de Portugal, e segue á risca as puras doutrinas do bem, que sua augusta mãe lhe ensinou no berço,

Nasceu S. A. em 28 de setembro de 1863, e conta, portanto, 23 primaveras, risonhas como o azul limpido dos seus olhos rasgados e intelligentes.

Dotado de uma organisação robustissima, o herdeiro da corôa portugueza está na pojança da mocidade e do vigor. Vivendo

UM GUERREIRO SUEVO

junto d'um throno, podendo entregar-se ao dulcissimo *far niente* dos que não carecem de trabalhar para terem sempre o goso de uma existencia cercada de prazeres e commodidades, o principe D. Carlos preferio sempre entregar-se ao trabalho assiduo de todos os dias, e estudar, e meditar muito, educando se no convivio de bons livros, de mestres escolhidos, de directores habilissimos, e prestando fervoroso culto ás lettras e ás artes.

Durante a sua menoridade, era muito raro vel-o ocioso, entregue aos passatempos, proprios dos annos juvenis sendo mais raro ainda encontral-o occupado n'alguma cousa banal e pouco proveitosa.

O principe D. Carlos abandonava o leito quando todos ainda estavam repousando no Paço, e entregava-se logo aos seus trabalhos intellectuaes e artisticos, investigando os segredos da sciencia com uma sede insaciavel de aprender Os seus ocios eram sempre uma nova consagração ao trabalho, por isso que os dedicava a pintar aguarellas deliciosas, nas quaes se revelou, desde tenros annos, um artista completo.

Difficilmente se encontrará um principe que tenha recebido uma educação mais variada e completa, e que reuna a um brilhante talento mais alevantados sentimentos.

Tudo nos induz a crer que o filho dos nossos reis será um esposo modelo, e tornará completamente feliz a existencia da illustre princeza que vem fazer da nossa patria a sua patria adoptiva.

*
* *

A princeza Maria Amelia d'Orléans, filha mais velha dos condes de Paris, nasceu em Twickenham, proximo de Londres, no dia 28 de setembro de 1865. Por uma coincidencia, que deve ser agradabilissima para os dois noivos, o destino fixou no mesmo dia os anniversarios natalicios d'um e outro.

Dizem-n'a dotada d'um caracter adoravel, rico em prendas não vulgares. Pintam-n'a carinhosa e terna, affabilissima e compassiva, coração susceptivel de todas as dedicações e de todos os sacrificios. Basta contemplar-lhe o retrato, para acreditar que não ha nem sombra de exaggero n'aquella pintura.

Necessariamente, a princeza Amelia é tudo aquillo, e por cima de tão raros dotes, tem a sobredoiral-os uma educação primorosa e distinctissima.

Não podia, pois, escolher melhor esposa o principe D. Carlos. Impossivel lhe seria descobrir, entre a descendencia de reis e pincipes, uma companheira que mais se coadunasse ao seu caracter, á sua educação e á sua alta gerarchia de herdeiro presumptivo da corôa portugueza.

UM GUERREIRO SUEVO

Antes de tudo, devemos dizer que o nome de suevos era a denominação generica dada pelos romanos a todos os povos da Germania além do Elba. Na origem do imperio de Roma, os Suevos eram simplesmente uma horda nomade da familia germanica. Mais tarde, porém, no seculo III da era christã, constituiram-se em liga e tornaram-se sedentarios. Expulsos para o Occidente pelos primeiros movimentos da emigração dos povos, fixaram-se entre o Rheno, o Meno e o Danubio, na região que depois se chamou *Suabia*. Invadiram no seculo V as Gallias e a Hespanha juntamente com os Alanos e os Vandalos, e, commandados por Hermanrico, fundaram um reino, que abrangia a Betica e a Luzitania, estando prestes a apoderarem-se de toda a peninsula iberica. Com um furor guerreiro nunca desmentido, lançaram-se em arrojadas aventuras, até ao anno 585, em que Leovigildo destruiu o reino suevo, e o reuniu ao imperio germanico.

A nossa gravura representa um guerreiro suevo, um d'esses colossos musculosos a que nos referimos.

Que differença entre este batalhador herculeo e os modernos soldados da velha Europa degenerada!

UMA RESIDENCIA EM FERNANDO-PÓ

Fernando-Pó é uma ilha da Africa, situada no golfo de Biafra, a 45 kilometros da costa. Descobriu-a, em 1472, um portuguez, que lhe deu o seu nome. Tem 60 kilometros de comprimento, 12 de largura, e é muito fertil e rica em madeiras. Cedida, em 1778, por Portugal á Hespanha, e abandonada depois por esta, foi occupada em 1827 pelos inglezes, que fundaram ali a cidade de *Clarence*. Os hespanhoes recuperaram-n'a em 1834.

A nossa gravura representa uma residencia dos indigenas de Fernando-Pó. Não póde dizer-se que seja muito confortavel, mas é pittoresca e cercada d'uma vegetação opulentissima.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

E' homem, peixe e planta 1—2.
Aqui, joga-se uma arvore da India—1—2.

A. D. DE SOUSA FRANCO.

Aqui, este substantivo é appellido—1—2.
E' adjectivo e está no campo esta arvore—2—2.
Na pitada esta moeda asiatica antiga é fructo—1—2.
Em Napoles, este rio e este animal é um nome—1—1—2.
Na cabana este vaso é villa—1—2.
Serve para viajar aqui, n'esta cidade—2—2.

Cartaxo. ZANTE.

EM VERSO

O sol, admiravel Rubens,
Tinha appar'cido fulgente.
O ceu, isento de nuvens,
Era limpo, transparente.

Pelos prados verdejantes,
Passeei alguns instantes,
(Vejam que prazer insonte!)
Quando paro admirado,
A ver um caso engraçado,
Pouco mais além, n'um monte:—1

Era um pastor—coitadito!—
Que ia puchando um burrito
Para ver se elle subia.
Mas, p'ra andar, o animal,
Co'a perrice habitual,
Tinha grande teimosia.—2

D'este assumpto tive ensejo
P'ra fazer esta charada;
Assaltando-me o desejo
De que fosse publicada.

E, apoz fazel-a, lembrou-me
Que não seria peor
Assignal-a co'o meu nome.
—Decifra agora, leitor.

Leiria. M. MONTEIRO JUNIOR.

EM QUADRO

. . . . appellido
. . . . ave
. . . . ave
. . . . lago

Porto. M. M. & M.

Logogriphos

(Por lettras)

(A Antonio Catarro)

Na velha mythologia—1—2—7—3
Houve uma mulher, que fez—1—2—8—7—7—3

O jogo, que jogar q'ria -4-5-6-7-2
Sob o pendão portuguez.—4-5-6-7-3

Mas bondade tinha tanta,
E era tão caridosa,
Que foi depois uma santa,
E é hoje mulher formosa.

Uma fructa saborosa—3-7-8-2
Que p'ra posta re etti—1-2-3-4
Nas mãos da mulher formosa-3-7-5-2
A achei, bem longe d'aqui.—2-3-4-8

E quando me preparava
Para a fructa lhe tirar,
Este homem, que ali estava,
Me veio então segurar.

Castello Branco. A. MERUJE.

(A Gonçalves Rosa)

Affirmo que é nome proprio—1-4-3-11-9-12
D'um logar delicioso—6-9-10-11-5
Uma cidade da Italia—7-11-5-9
E um monstro fabuloso—2, 9, 8, 7, 11, 9

Do logogripho presente
Eis o conceito, meu Rosa:
Procura, cogita, busca,
E achas pedra preciosa.

Santa Comba Dão. ANTONIO S. FRANCO.

Nome proprio-4-2-3-10-6-8-9-2
Nome proprio—5-1-8-6-8-2
Nome proprio-4-2-1-8-7-6-10
Nome proprio—1-2-3-4-2-7
Nome proprio—7-5-10-9-10-3
Nome proprio—9-8-4-10-6-8-9-2.

Nome proprio

MATHEUS JUNIOR.

Enigma em cruz

l l l d a a u t p p r r s i o o

Dois jornaes diarios

ARISTOLO.

Problema

As rodas de diante e de traz d'uma viatura teem respectivamente 3,m25 e 3,m80 de circonferencia. Que distancia terá percorrido a viatura, quando uma das rodas da frente tiver feito 143 revoluções mais que uma das de traz?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Carolin:—Aralia—Prometter—Sagaz—Martello—Fragata—Recado—Honorio—Pado.
DA CHARADA ENIGMATICA: — Zarabatana.
DA CARTA ENIGMATICA: — Marcelino.
DOS ENIGMAS:—Lamiré—(Tigre—Negro—Niger—Argel).
DOS LOGOGRIPHOS: — Victoriar—Corsario.
DO PROBLEMA: —144 metros quadrados.

A RIR

Hontem, dia do seu anniversario natalicio, um amigo nosso, de vinte e cinco annos de edade, que nascera dezeseis annos depois do casamento dos paes, dizia a sua mãe, com voz acariciadora e terna:

—Como foi boa para mim, minha mãe! Quando penso que poderia ter hoje quarenta annos!...

*

Infusão de pensamentos selvagens sobre as mulheres:

As mulheres tratam de impertinente o homem que procura conhecel-as, e de tolo aquelle que não as conhece.

O primeiro amor d'uma mulher é uma esperança; o ultimo um longo pesar.

As mulheres não se estimam umas ás outras, por se conhecerem muito.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para preservar a queda do cabello, aconselha um medico francez que se friccione o coiro cabelludo com uma pomada composta do seguinte modo:

Vaselina branca..............	40	grammas
Oleo de ricino....	20	»
Acido gallico.................	3	»
Essencia de lavande.....	15	»

Applicada esta pomada n'uma quantidade prudente, o cabello despontará logo com a exhuberancia e a côr proprias da juventude.

Experimente quem quizer e precisar.

O ESPIRITO SANTO NOS AÇORES

(COSTUMES POPULARES)

II

O imperio:—o bodo aos pobres

Tudo é festa. Bejos ardentes do sol, estrondos de musicas marciaes, estampidos de polvora, flamulas navaes, arcos de buxo, lanternas venezianas: eis o imperio.

A's mudanças pacatas dos domingos, que descrevi no meu

primeiro artigo, succede a festa ruidosa do imperio, tendo á frente o mordomo e na qual se empenham por egual, todos os moradores da rua.

Ha o imperio do Espirito Santo na rua tal, ou o imperio da Trindade na rua tal, conforme convem ou é de uso; porque é claro que não podem realizar-se todos no mesmo dia.

Na sexta feira, ante-vespera da grande funcção, tudo é reboliço, tudo preparativos. Trata-se de abater as rezes, e ahi vão os bois todos catitas, cheios de campainnas e flores para o sacrificio em honra do Divino Senhor Espirito Santo, e em proveito dos pobres que hão de regalar-se no dia seguinte com as rações de carne de dois kilos.

UMA RESIDENCIA EM FERNANDO-PÓ

Voltam os bois do açougue, a esquartejados, conduzidos solemnemente em carros com os fueiros enfeitados de ramaria e flores e uma bandeira de seda vermelha hasteada e fluctuante. Foliões á frente, tocando e cantando desesperadamente, no meio do charivari atroador do rapazio.

Dirige-se o cortejo pagão para a *dispensa* do imperio; uma casa onde se deposita a carne em exposição publica até ao dia seguinte.

Na *dispensa*, ornada caprichosamente de colchas de damasco de seda purpura, entre as quaes fazem uma brilhante figura as sanefas das egrejas encimando as portas, ha tres divisões: n'uma ostentam-se pyramides de pão de trigo com flores cravadas na codea, n'outra está a carne, e na terceira a bandeira do imperio no seu throno de lumes. Em baixo, em frente da bandeira erguida a prumo, a corôa e o sceptro, ambos de fina prata lavrada. N'este recinto, assentadas em volta das paredes, estão as raparigas da visinhança, o que constitue outra exposição não menos curiosa.

A *dispensa* é visitada por milhares de pessoas.

E' preciso notar que os emblemas do imperio—a bandeira, o sceptro e a corôa, são levados procissionalmente para a *dispensa* na sexta feira á noite.

Raia o solemne e festivo dia de sabbado, e em todas as janellas de sacada, apparecem a comprimentar o astro-rei, bandeiras e galhardetes de todas as nações do globo.

A's quatro horas da tarde, ha o bodo aos pobres, em duas mesas-monstros que occupam todo o comprimento da rua. Ha mesa que tem mais de quinhentos metros de extensão. Armam-se e desarmam-se com uma rapidez magica, e não embaraçam o transito. Imaginem um numero respeitavel de barricas vazias, collocadas longitudinalmente a um dos lados da rua, a um metro distante da parede e a distancia de cinco metros, umas das outras. Sobre ellas, assentam taboas de pinho emprestadas de uma estancia de madeiras. Eis a mesa improvisada.

Mas falta a toalha. Veem de uma loja de fazendas umas tantas peças de panno cru (panno virgem, como elles lhe chamam) e desdobram-nas ao longo da comprida mesa. Em cima põem-lhe então, de metro a metro, dois kilos de carne em um prato de louça da Figueira (um prato branco com um peixe azul pintado no fundo). Ao lado da carne, dois pães enfeitados de flores.

Durante este acto de caridade balofa e ostensiva, que não minora em cousa nenhuma a miseria proletaria, sobem ao ar muitos foguetes; as varandas e as janellas regorgitam de senhoras vestidas de toilettes hilariantes. Na rua o apertão é medonho: curiosos, mendigos, festeiros, musicos e garotos, estes ultimos socando-se audaciosamente e atropelando velhas colericas, para correrem a apanhar os canniços semi-queimados dos foguetes caidos obliquamente do céo.

Os pobres, munidos de uma senha, ficam entre a parede e a mesa. Ao centro da rua passa o cortejo, composto do mordomo e irmãos do imperio, a bandeira e a phylarmonica tocando o hymno do Espirito Santo. Cada pobre apresenta a senha e recebe n'um saquinho a carne e o pão, menos o prato, que é atirado para um cesto de duas azas, enorme, que trazem dois creados.

O *fogo d'artificio* arde ás dez ou onze da noite, ordinariamente n'uma rua estreita, de cinco metros; e quando as chammas entram pelas janellas, as meninas, soltando gritinhos afflictos, empurram-se umas ás outras, de roldão para o interior das salas.

Ter uma roda de fogo, valente, vis-a-vis da janella, capaz de rebentar todos os vidros, é uma d'essas distincções, cuja subtileza escapa á analyse de quem não esteja enfronhado nos mysterios da sociedade insulana.

Antes de arder o fogo, uma phylarmonica trepada a um coreto, *executa* varias polkas e valsas brilhantes; uma illuminação veneziana borda todos os predios; meninas riem em todas as janellas, e os rapazes passam, visitando todas as ruas dos imperios. E' este tempo o S. Martinho dos paes que teem filhas casadoiras e não sabem como as impingir.

Falta ainda descrever n'outro artigo, a—coroação.

Maio, 1886.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA